

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
DOUTORADO EM FILOSOFIA**

Grégori Elias Laitano

**A REALIDADE COMO TEMPORALIDADE – Ética e Estética desde *Autrement qu'être*
ou au-delà de l'essence de E. Levinas**

PORTO ALEGRE

2017

Grégori Elias Laitano

**A REALIDADE COMO TEMPORALIDADE – Ética e Estética desde *Autrement qu’être*
ou au-delà de l’essence de E. Levinas**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Filosofia.

Área de concentração: Ética e Filosofia Política.

Orientador: Prof. Dr. phil. Ricardo Timm de Souza

PORTO ALEGRE

2017

Grégori Elias Laitano

A REALIDADE COMO TEMPORALIDADE – Ética e Estética desde *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence* de E. Levinas

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Filosofia.

_____ de _____ de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. André Brayner Farias – PUCRS/UCS

Prof. Dr. Marcelo Leandro dos Santos - UNIVATES

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Jesus Costa - UFSM

Prof. Dr. Fabio Caprio Leite de Castro – PUCRS

Prof. Dr. phil. Ricardo Timm de Souza - PUCRS

PORTO ALEGRE

2017

À Doceli Mesquita Elias, Gracia Maria Elias Laitano (em memória), Maria Alice Timm de Souza e Renata Guadagnin por me fazerem compreender e sentir, nos ínfimos grandes gestos no trato do dia-a-dia, o porquê Levinas escolheu a figura da maternidade como a mais própria para nos legar sua releitura da subjetividade.

AGRADECIMENTOS

A todos os professores que contribuíram para minha trajetória na pessoa do amigo Ricardo Timm de Souza. Sua capacidade de nos conduzir a novos horizontes me permitiu, dentro das minhas limitações, aproveitar um pouco mais de tudo aquilo que muitos outros grandes professores me ofereceram.

A todos amigos e colegas, dos mais diversos cursos, que cultivei ao longo de mais de dez anos de PUCRS, nas pessoas daqueles que estiveram mais próximos no fim desta jornada, Marco Antonio de Abreu Scapini e Jerônimo Camargo Milone.

À professora e amiga Cíntia Voos Kaspariy pela sua dedicação e carinho no ensino da língua Francesa e pelo suporte oferecido, especialmente, durante meu estágio doutoral na França.

Ao professor e amigo Gérard Bensussan pela orientação e acolhida durante os nove meses de pesquisa na Université de Strasbourg – UNISTRA.

Ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS, seu professores, funcionários e colaboradores, nas pessoas dos professores com os quais tive mais contato, Agemir Bavaresco, Norman Madarasz, Fabio Caprio, Tadeu Weber e o colega Jair Tauchen.

Às instituições de fomento à pesquisa em Pós-Graduação do Brasil, ao CNPq por financiar boa parte desta pesquisa e à CAPES por viabilizar o estágio no exterior.

Às minhas famílias, Elias Laitano e Camargo Guadagnin, na pessoa da minha sobrinha e afilhada Maria Laitano Correa, cujo amor me enche de esperança por dias melhores!

Sumário

INTRODUÇÃO.....	11
CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOTA PRELIMINAR DE “AUTREMENT QU’ÊTRE”	14
I. ESSÊNCIA E LINGUAGEM – DA EXCRESCÊNCIA DO VERBO À INTRIGA ENIGMÁTICA DO DIZER TEMPORAL: SOBRE O RESPIRAR DO MUNDO POR UMA FRESTA	16
1.1. PRIMEIRA TENSÃO: O “OUTRO” DO SER.....	18
1.1.1 O il y a	19
1.2. SER E INTERESSE: O PARADIGMA DA GUERRA.....	25
1.3. LINGUAGEM: ENTRE DITO E DIZER	27
1.4. LINGUAGEM COMO TEMPORALIDADE – DIZER E SUBJETIVIDADE: AMARRAR AS PONTAS DO REAL PELO NÓ DA RESPONSABILIDADE	42
1.4.1 Responsabilidade e proximidade ou Dizer sem Dito	42
1.4.2 Exposição ao outro como Dizer: significância do para-o-outro no cerne da comunicação	45
1.4.3 Conotação temporal do viver: Apesar de si.....	53
1.4.4 Vestígios do outro em mim: Paciência, corporeidade, sensibilidade – subjetividade do sujeito	57
1.4.5 O Único	60
1.4.6 Prenúncio da substituição: Subjetividade e humanidade.....	62

II. TER NO OUTRO O CORAÇÃO QUE BATE PELO UNIVERSO: SOBRE A ELEIÇÃO DO HUMANO NA TECITURA DA REALIDADE – NOTAS SOBRE A SUBSTITUIÇÃO	67
2.1. PRINCÍPIO E AN(ARQUIA)	69
2.2. A RECORRÊNCIA: TORÇÃO DE SI COMO EXPULSÃO DO SER EM SI NO PARA O OUTRO.....	74
2.3. O SI COMO ACUSAÇÃO ABSOLUTA: DO EU AO ALGUÉM	84
2.4. “EU SOU TU QUANDO EU EU SOU”: SUBSTITUIÇÃO E SENTIDO	88
III. SOBRE A EXUBERÂNCIA DO REAL COMO LINGUAGEM: TEMPORALIDADE POR ENTRE ÉTICA E ESTÉTICA	97
3.1. REALIDADE ENTRE ÉTICA E ESTÉTICA: JEAN ATLAN E A OBRA DE ARTE	98
3.2. DA ÉTICA À ESTÉTICA DO SEGREDO: TEMPORALIDADE E ARTE DESDE O HORIZONTE DA OBLITERAÇÃO DE SASHA SOSNO.....	103
3.3. POESIA DO SER AO OUTRO: LEVINAS LEITOR DE PAUL CELAN – “É TEMPO QUE SEJA TEMPO!”	112
3.4. EDMOND JABÈS E O NÃO-LUGAR DO POETA.....	121
EXCURSO QUASE-EXTEMPORÂNEO: O ACONTECIMENTO COMO LINGUAGEM ÉTICO-TEMPORAL E SEU SUPORTE PARA DIMENSÃO DO POLÍTICO – CONSIDERAÇÕES SOBRE “POLITIQUE APRÈS”	126
CONSIDERAÇÕES FINAIS: OU UM LAPSO DE MEMÓRIA	136
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	139

Filósofos, nós o somos todos, envergonhadamente, gloriosamente, por abuso, por defeito e sobretudo submetendo o filosófico (termo escolhido para evitar a ênfase da filosofia) a um colocar em questão tão radical que é preciso toda filosofia para sustentar. Mas eu acrescentarei (repetindo a advertência de Bacon e de Kant: de nobis ipsis silemus) que, desde que eu encontrei – encontro feliz no sentido mais forte –, há mais de cinquenta anos, Emmanuel Levinas, é com uma espécie de evidência que eu estou persuadido que a filosofia era a vida mesma, a juventude mesma, na paixão desmesurada, contudo, racional, se renovando sem cessar ou repentinamente pelo brilho de pensamentos todos novos, enigmáticos, ou de nomes ainda desconhecidos que brilhariam mais tarde prodigiosamente. A filosofia seria nossa companheira para sempre, de dia, de noite, fosse isso perdendo seu nome, tornando-se literatura, saber, não-saber, ou se ausentando, nossa amiga clandestina a qual nós respeitávamos – amávamos – isso que não nos permitia ser ligados à ela, pressentindo que não havia nada de desperto em nós, de vigilante até no sonho, que não fosse devido a sua amizade difícil. A filosofia ou a amizade. Mas a filosofia não é precisamente uma alegoria.

(Maurice Blanchot, “Notre compagne clandestine”, p. 80, tradução nossa)

RESUMO

O presente exercício como tese pretende investigar uma espécie de *fundo sem fundo* que alicerça, sem se enraizar ou colocar-se como princípio, a “cosmovisão” que poderia se depreender da obra de Levinas como um todo, a partir de uma releitura de *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence*. A hipótese que será defendida ao longo do desenvolvimento do trabalho é que este, digamos, elemento sustentador e operador de uma visão de mundo é a temporalidade através da qual sobrevém a nós o único correlato possível para a realidade, sua pluralidade de sentidos. O caminho a ser percorrido prevê, sob uma visão bastante ampla, pelo menos três movimentos: a reconstrução do modo pelo qual Levinas compreende a ontologia na obra em análise, a categoria da *essência*, em suas duas faces (complementaridade entre ser e não-ser e interesse), e sua posterior sofisticação a partir da problemática oferecida pela tensão existente no seio da linguagem (tensão entre Dito e Dizer), que possibilita tanto o seu desdobramento como temporalização pelo Dito como linguagem, operando uma espécie de cooptação da temporalidade pela sua reverberação enquanto espraiamento mesmo da essência (ascendência do Dito sobre o Dizer no reino da visão), quanto a sua suspensão em seu próprio seio pelo reflorescimento mesmo da temporalidade por aquilo que dela se canaliza numa teia de responsabilidades, cujo advento do sujeito ético seria o nó em gestos de responsabilidade pela alteridade, pelos quais o tecido temporal do real vai se tecendo. O segundo momento da pesquisa visa analisar mais de perto este que é o coração da obra levinasiana, a *substituição*, a releitura levinasiana da ideia de subjetividade, especialmente, no sentido em que ele se faz expressão desta temporalidade. Na paragem derradeira da pesquisa, aproveitando uma virada ética na estética a partir de alguns textos pós-*Autrement* do autor sobre artistas variados, virada inclusive em relação ao exposto no próprio *Autrement* sobre o tema, pretende-se demonstrar a exuberante riqueza dessa linguagem ético-temporal e suas nuances ecoando em outras dimensões do saber, mais especificamente a estética. O real é tempo. Tempo é relação com a alteridade. E a subjetividade é a sede da responsabilidade através da qual o real encampa seu sentido e se abre para o porvir. Articular essas dimensões fazendo justiça a esta intriga enigmática da ética em Levinas é o desafio maior deste trabalho.

Palavras-chave: Realidade; Temporalidade; Responsabilidade; Sentido.

RÉSUMÉ

Cette thèse se propose d'enquêter sur une sorte de fond sans fond qui ancre, sans enraciner ou mettre en tant que principe, la «vision du monde» qui pourrait être déduite de l'œuvre de Levinas dans son ensemble, à partir de la lecture de *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*. L'hypothèse qui aura lieu tout au long du développement de cette recherche est, disons, l'élément souteneur et opérateur d'une vision du monde. Cette vision est la temporalité à travers laquelle nous arrive le seul corrélat possible de la réalité, sa pluralité de significations. Le chemin à parcourir prévoit, d'un point de vue très vaste, au moins trois mouvements: la reconstruction de la façon dont Levinas comprend l'ontologie dans le travail en question, la catégorie de l'essence, dans ses deux faces (complémentarité entre être et non-être et l'intérêt), et sa sophistication subséquente en ce qui concerne la problématique offerte par la tension qui existe dans le langage (tension entre Dit et Dire) qui permet à la fois son déroulement comme temporisation par le Dit comme langage, opérant une sorte de cooptation de temporalité par sa réverbération tout en diffusant la même essence (ascendance du Dit sur le Dire dans le domaine de la vision), et par rapport à sa suspension dans son propre sein par le renouveau même de la temporalité pour ce d'elle est acheminée dans une toile de responsabilités, dont l'avènement du sujet éthique serait le noeud en gestes des responsabilités par l'altérité, par lesquelles le tissu temporel réel sera tissé. La deuxième phase de la recherche vise à examiner de plus près ce qui est le cœur de l'oeuvre levinassienne, la *substitution*, la relecture levinassienne de l'idée de subjectivité, en particulier, dans le sens où elle est l'expression de cette temporalité. Dans la dernière étape de cette étude, en profitant d'un virage éthique dans l'esthétique de certains textes post-*Autrement* de l'auteur à propos d'une variété d'artistes, y compris à l'égard de l'exposé du propre *Autrement* à ce sujet lui-même, il est envisagé de démontrer la richesse exubérante de ce langage éthique-temporel et ses nuances en écho dans d'autres dimensions de la connaissance, plus particulièrement l'esthétique. Le réel est le temps. Le temps fait la relation avec la subjectivité. Et la subjectivité est le siège de la responsabilité à travers laquelle le réel incarne son sens et s'ouvre à l'avenir. Articuler ces dimensions de façon à rendre justice à cette intrigue énigmatique de l'éthique chez Levinas est le plus grand défi de ce travail.

Mots-clés: Réalité; Temporalité; Responsabilité; Sens.

INTRODUÇÃO

A presente tese pretende investigar aquilo que sustentaria, ou estaria por detrás operando-a, uma suposta “cosmovisão” que seríamos capazes de depreender da totalidade da obra levinasiana, lendo-a a partir da obra central objeto deste estudo – *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence* –, talvez, passível de ser sintetizada na expressão que intitula uma das outras obras do filósofo: “ética como filosofia primeira” ou, melhor ainda, ética como fundamento. A hipótese que será defendida ao longo do trabalho é que este, digamos, operador é a temporalidade pela qual nos seria fornecido o único correlato possível para a realidade. Entre as muitas intercorrências da temporalidade pelas quais tenta se expressar o idioma levinasiano, neste momento introdutório, gostaríamos, ilustrativamente, de propor uma. Da compilação em livro das aulas durante o ano universitário de 1975-76, “*Dieu, la Mort et le Temps*”, retiramos a seguinte definição:

A duração do tempo como relação com o infinito, [...] com o Diferente. Relação com o Diferente que, no entanto, é não-indiferença e onde a diacronia é como o *no* do outro-*no*-mesmo – sem que o Outro possa entrar no Mesmo. Diferença do imemorial ao imprevisível. O tempo é simultaneamente este Outro-no-Mesmo e este Outro que não pode estar em conjunto com o Mesmo, não pode ser sincrônico. O tempo seria, portanto, inquietude do Mesmo pelo Outro, sem que o mesmo possa jamais compreender o Outro, o englobar.¹

Nossa releitura da filosofia levinasiana a partir do acento sobre o *fundo sem fundo* do real como temporalidade desde *Autrement* e seus desdobramentos ganhará forma a partir da seguinte estrutura. O primeiro capítulo compreende 5 momentos: As considerações sobre a nota preliminar que visam dirimir o modo pelo qual Levinas emprega o termo *essência* ao longo de toda obra, apontar a centralidade que o autor dá ao tema da substituição na mesma (seu coração) e a ênfase que o pensador concede a uma profunda suscetibilidade (temporalidade também é síntese passiva) da qual derivariam as práticas e o saber no mundo; uma incursão sobre o primeiro ponto do *argumento* de *Autrement* e uma digressão, para além da obra, até a figura do *il y a*, ambos com intuito de demonstrar a denominada pelo autor: *face negativa da essência*, uma certa complementaridade entre ser e não-ser e a sofisticação do trânsito de um para o outro na figura do *il y a*; outra breve passagem pelo segundo ponto do argumento para explorar a *face positiva da essência*, a dimensão do *interesse*, cujas nuances, em graus diferentes, estabelece

¹ LEVINAS, Emmanuel (1993). *Dieu, la mort et le temps*. 6ª Ed. Paris: Livre de poche, 2014, p. 28, tradução nossa.

uma via comum entre guerra e paz racional a qual intitulamos: o *paradigma da guerra*; aceitando a provocação do terceiro ponto do argumento, a tensão no seio da reflexão levinasiana sobre a linguagem (Dito e Dizer), nos dirigiremos às secções do segundo capítulo de *Autrement* onde Levinas desenvolve de modo mais aprofundado a questão, num primeiro momento destacando a reconstrução do autor do modo pelo qual a temporalidade do real como linguagem é cooptada pela essência em seu desdobramento concentrada, mais diretamente, na reflexão em torno da “categoria” do Dito na ascendência que ela tem sobre o *dizer*, intercorrência temporal na linguagem, nos domínios do paradigma da visão; e num segundo momento destacando essa dimensão temporal da linguagem, seu lastro, inclusive enquanto condição para *essência*, o *Dizer* e sua crucial imbricação com a questão da subjetividade (antecipando elementos da *substituição*, porém mais sob o enfoque na linguagem – se uma coisa pode ser apartada da outra na reflexão levinasiana) que, nesta concepção do real como ético-temporal, ganha um papel importante como sede da responsabilidade pela qual vão se encadeando ou amarrando os fios da tecitura da realidade.

O segundo capítulo se debruça diretamente sobre o desenvolvimento levinasiano da ideia de substituição, em nosso entendimento o coração de toda sua obra, sua releitura da subjetividade em termos renovadores frente ao até então estabelecido pela tradição filosófica ocidental hegemônica, nos termos em que veremos, se dedicando, especialmente e mais detidamente, aos quatro primeiros subcapítulos, tentando evitar, pelo menos um pouco, os excessos de retomadas do estilo levinasiano que vai nos contaminando. Como um coração do real, a subjetividade em Levinas se faz temporalidade e linguagem recebendo uma demanda deste real, se reconfigurando a partir dela e fazendo-se o meio *sui generis* pelo qual o sentido ético-relacional deste real se enriquece e se lança adiante, se inscrevendo nele ao passo que se constitui respondendo pela pluralidade de sentidos em que ele se verifica – a intriga enigmática ética em que se constitui a constelação de sentidos levinasiana.

O terceiro e último capítulo vislumbra explorar o modo pelo qual a linguagem ético-temporal do real se espraia para outras dimensões do saber – estas, portanto, como modalidades e/ou expressões da riqueza exuberante da linguagem do real. A dimensão aqui escolhida é, especialmente a estética, aproveitando a virada ética na estética que a própria obra de Levinas, nos atentando aqui a sua integralidade, toma em alguns textos pós-*Autrement* e, em nosso entender, até mesmo aprofundando, esticando mais o limite sem limite dessa concepção de temporalidade que se depreende de *Autrement*. Para isso, vamos percorrer as leituras de Levinas sobre as obras de Jean Atlan, Sasha Sosno, Paul Celan e Edmond Jabès e, sob a forma de

excurso, vamos oferecer uma chave de leitura do acontecimento como expressão outra desta mesma linguagem germinal do real e sua dimensão de alicerce para a reflexão sobre o político, a partir de um texto polêmico de Levinas que tem o sionismo como mote.

Parafrazeando Levinas em relação ao Rosenzweig, a filosofia de Ricardo Timm de Souza está muito presente para ser citada. Neste sentido, este trabalho também é uma grande homenagem a esta obra que tive o prazer, como amigo e aluno, de acompanhar o desenvolvimento durante mais de dez anos. Espero, na infidelidade fiel por esta filosofia que foi me arrebatando ao longo dos anos, ter conseguido fazer justiça a sua radicalidade, também como um verdadeiro pupilo, em algum sentido, lhe contra-assinando, levando-a adiante nas infinitas possibilidades que ela abriu para mim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: OU UM LAPSO DE MEMÓRIA

Em 1947, Levinas publica seu primeiro livro pós Segunda Guerra Mundial, *De l'existence à l'existant* (já utilizado nesta tese no primeiro capítulo), livro praticamente todo concebido em cativeiro (Levinas passou quase cinco anos preso durante a guerra em campos de trabalhos forçados para soldados prisioneiros, protegido, até certo ponto, do ódio contra sua condição judaica pelo uniforme francês). Para além da grande obra fenomenológica que é, o livro guarda a sutileza de um gesto que parece dizer muito sobre toda obra levinasiana e que nossa tese insistiu em procurar explorar por todos os lados, gesto sob a forma de dedicatória, onde se encontra a seguinte inscrição: PAE. Questionado sobre a dedicatória, Levinas diz se tratar das iniciais do nome de sua esposa (Raïssa) correspondentes na língua materna de ambos, o Russo. Contudo, a vida do casal Levinas nos conduz a outra possibilidade de sentido, não só a que diz respeito ao marido zeloso, mas também àquela do pai em processo infinito de luto: logo após o retorno do filósofo do cativeiro, o casal Levinas concebeu uma filha que viveu apenas alguns meses. PAE, portanto, corresponderia também, em francês, a “*Pour Andrée Éliane*”²⁴³, dedicatória à filha do casal que teve sua vida abreviada tão cedo, à filha do filósofo cuja reflexão é marcada pela concepção de que a *morte do outro é sempre prematura e nos implica infinitamente*.

Temos sustentado ao longo do trabalho que a *realidade é temporalidade* e seu correlato para o pensamento é uma pluralidade de sentidos cuja inscrição da racionalidade no tempo depende, como sua razão de ser, de uma capacidade de zelar pela sua manutenção – responsabilidade como condição do pensamento. Isto porque as duas grandes intercorrências da temporalidade na obra central de Levinas, *Autrement*, além da fundamental dimensão da *diacronia*, são *envelhecimento* ou *senescência* – leitura levinasiana da finitude na qual somos temporalidade ao passo que estamos sendo, a cada instante, corroídos pelo tempo – e *encontro* – enraizar-se no tecido temporal do real é estar exposto ao que lhe é exterior (Levinas, pelos seus motivos, centraliza a diferença radical ou alteridade na figura do próximo, enquanto nós, na linha de Ricardo Timm de Souza, estendemos para tudo que nos é outro), exigência de se relacionar com aquilo que nos cerca. Essa exigência é constitutiva da subjetividade. O outro é aquele que, impassível de ser representado pelo pensamento – nada se adequa perfeitamente aos recursos do espírito, nem necessariamente depende dele para se mostrar –, relaciona-se com ele de outro modo, cujo segredo ou a pluralidade de sentidos que ele significa qualifica o meu

²⁴³ Cf. LESCOURET, M.-A. *Emmanuel Levinas*. Paris : Flammarion, 1994, p. 128.

mundo sem ser usurpado em seus domínios, obrigando-me a, constantemente, me reconfigurar nesta relação como ele, sendo esta exterioridade aquilo que, do exterior, me atribui uma posição, a posição de responsável por aquilo sem o qual não vivo – quem de nós estaria aqui sem que outros tivessem nos antecedido, e mais, se responsabilizado por nós. Deste modo, *o real como temporalidade comporta uma dimensão ética*, ao menos em expectativa: não só obriga a relação, como depende da manutenção da pluralidade de sentidos que a alteridade significa, uma vez que é a diferença radical de um a possibilidade do despertar do sentido no outro, o modo pelo qual ele vai se irrigando – o sentido está na relação ou responsabilidade. Como Levinas, compreendemos o humano como a sede da responsabilidade, aquele que se constitui no para-o-outro, amarrando o nó ético da realidade, fazendo-se temporalidade. Aquilo que condiciona nossa intervenção no real, portanto, é a responsabilidade pelo sentido plural, modo pelo qual eu preservo os mundos dos outros em mim, sem subjugá-los ao meu mundo, o que se verifica, de outro modo, em cada instante, no apelo do real a cada um de nós, nos convocando à responsabilidade – o que levou, por exemplo, Ricardo Timm de Souza, relendo Rosenzweig, definir cada instante como sendo um instante de decisão – e, em termos de racionalidade, pensar em Levinas é sempre pensar mais do que lhe é permitido, pois assombrado por esta alteridade irreduzível, o que talvez tenha, por outras vias, impulsionado Adorno, na mesma linha, a definir a *inteligência como uma categoria moral*²⁴⁴. Em última consequência, o recado de Levinas é bastante simples: não existe meu mundo, sem o mundo dos outros – nossos mundos, lembrando que, em Levinas, “nós não é o plural de eu”²⁴⁵ – nosso porvir enquanto socialidade depende de um profundo colocar em evidência dessa dimensão do real que sobrevive abafada em nossas mais escusas elucubrações e interesses.

A dedicatória à esposa e à filha de Levinas, a cumplicidade no coração de um segredo, parece nos oferecer mais uma dimensão da linguagem ético-temporal do real que gostaríamos que ficasse mais até como uma provocação: tudo que se inscreve no real, em seu fluxo temporal, significa como significância de seu próprio significado, suportando o mundo na sua diferença radical, convocando todos nós, como fonte do nosso respirar, a estender essa trama em que se tece a realidade através desse ou do próximo espasmo de responsabilidade. Contudo, como a

²⁴⁴ “A inteligência é uma categoria moral. A separação entre sentimento e entendimento, que torna possível absolver e beatificar os imbecis, hipostasia a divisão do homem em diferentes funções que se realizou ao longo da história. [...] a filosofia deveria buscar na oposição entre sentimento e entendimento é a unidade de ambos: a unidade que é justamente uma unidade moral. A inteligência, enquanto poder de julgar, contrapõe-se, na efetuação do juízo, àquilo que em cada caso é dado de antemão ao mesmo tempo que ela o expressa (...)”, em ADORNO, T. W. “Aforismo 127”. In: *Minima Moralia* (1951). Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2001, p. 189.

²⁴⁵ LEVINAS, Emmanuel (1991). “O Eu e a Totalidade”, In: *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 62.

figura do meridiano, cada gesto de responsabilidade tem o condão não apenas de brotar mais um nó ou uma flor neste vínculo, mas de amarrar suas duas pontas, como se tratasse de um círculo, passado imemorial e porvir cara a cara, na certeza de que em toda energia despendida em torno de uma responsabilidade – a chance do porvir – se rememora, eticamente, cada alteridade que, mesmo por alguns instantes, contribuiu para o encadeamento dessa tecitura ainda que com seu mero suspirar – o passado. Aquilo que viveu, viverá espectralmente no instante seguinte em que eu me sustentar, suportando o que me sustenta. A ética como fundamento, neste sentido, é a garantia de que pelo menos, numa dimensão para onde o sentido conflui, o passado seja preservado em sua alteridade e que se faça justiça com aqueles que, de algum modo, zelaram pela diferença para que nós estivéssemos aqui hoje abrindo espaço para o impossível inscrito no rosto do outro. Adeus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. “Ensaio como forma”. In: *Notas de Literatura I*. Trad. Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2008.

_____. *Minima Moralia* (1951). Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2001.

_____. *Teoria Estética*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1982.

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”, In: *Obras Escolhidas – Vol. I*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 222-232.

BENSUSSAN, Gérard. *Dans la forme du monde: Sur Franz Rosenzweig*. Paris: Hermann, 2009.

_____. (2008). *Ética e experiência: a política em Levinas*. Passo Fundo: IFIBE, 2009.

_____. *Le temps messianique: Temps historique et temps vécu*. Paris: Vrin, 2001.

_____. *Qu'est-ce que la philosophie juive?* Paris: Desclée de Brouwer, 2003.

BERNARDO, Fernanda. *Levinas Refém*. Coimbra: Palimage, 2012.

_____; BENSUSSAN, Gérard. *Os Equívocos da Ética / Les Équivoques de l'Éthique*. Bilíngue. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2013.

BLANCHOT, Maurice. “Notre compagne clandestine”. In: LARUELLE, François (org.). *Textes pour Emmanuel Lévinas*. Paris: Jean-Michel Place Éditeur, 1987, p.79- 87.

_____. *A conversa infinita : a palavra plural*. Trad. Aurelio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2010.

BOURETZ, Pierre. *Testemunhas do futuro: filosofia e messianismo*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CANETTI, Elias. “O ofício do poeta”. In: *A Consciência das Palavras: ensaios*. Tradução de Márcio Suzuki, Herbert Caro. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 310-322.

CELAN, Paul. *Arte poética: O Meridiano e outros textos*. Trad. J. Barrento e V. Milheiro. Lisboa: Cotovia, 1996.

_____. *Obras completas*. Trad. José Luis Reina Palazón. Madrid: Trotta, 2002.

_____. *Sete Rosas Mais Tarde*. Antologia Poética. Trad. J. Barrento e Y. Centeno. Lisboa: Cotovia, 1996.

CHALIER, Catherine. *Lévinas: a utopia do humano*. Lisboa : Instituto Piaget, 1993.

_____; ABENSOUR, Miguel (org.). *L'Herne: Emmanuel Levinas*. Paris, Éditions de l'Herne, 1991.

COHEN-LEVINAS, Danielle (orgs). *Le Souci de l'Art chez Emmanuel Levinas*. Houilles: Éditions Manucius, 2010.

COSTA, Márcio Luis. *Lévinas – uma introdução*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

DERRIDA, Jacques. *Adeus a Emmanuel Lévinas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____; ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã: diálogo*. Tradução Antonio Carlos dos Santos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. *Força de lei: o fundamento místico da autoridade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Le souverain Bien – O soberano Bem*. Tradução Fernanda Bernardo. Edição Bilíngue. Braga: Palimage, 2004.

_____. *Margens da filosofia*. São Paulo: Papyrus, 1991.

_____. *Memórias de cego: o autorretrato e outras ruínas*. Lisboa: Fundação Calouste Glubenkian, 2010.

_____. “Violência e Metafísica: ensaio sobre o pensamento de Emmanuel Lévinas”. In: *A escritura e a diferença*. Trad. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 111-223.

HOUSSER, Emmanuel; CALIN, Rodolphe. *Levinas: au-delà du visible – Études sur les inédits de Levinas des Carnets de captivité à Totalité et Infini* - n. 49, Chaiers de Philosophie de l'Université de Caen. Caen: Presses universitaires de Caen, 2012.

JABÈS, Edmond. *A obscura palavra do deserto – uma antologia*. Tradução de Paulo Tamen. Edição bilíngue. Lisboa: Edições Cotovia, 1991.

LAITANO, Grégori Elias. “Eco que precede a ressonância da voz - temporalidade, substituição e poesia: sobre a intriga enigmática da linguagem na obra de Emmanuel Levinas”. In: CARVALHO, Marcelo et al. (Org.). *Filosofia Política Contemporânea* (Coleção XVI Encontro ANPOF). 1ed. São Paulo: ANPOF, 2015, p. 335-346.

_____; GUADAGNIN, Renata. “A incondição do pensar: entre ética e estética - de uma mudança na respiração ao respirar do mundo”. In: RIGON, Bruno Silveira; SILVEIRA, Felipe Lazzari da; MARQUES, Jader. (Org.). *Cárcere em imagem e texto: homenagem a Sidinei José Brzuska*. 1ª Ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2015, v. 1, p. 119-124.

_____. “Poesia e Ética: Possíveis endereçamentos sobre a poesia de Paul Celan nos rastros da filosofia de Emmanuel Levinas”. In: SÖHNGEN, Clarice Beatriz da Costa; POZZEBON,

Fabrcio Dreyer de Avila. (Org.). *Encontros entre Direito e Literatura III: poesia, linguagem e msica*. 1ª Ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2016, p. 23-46.

_____. “Travessia do impossvel: Emmanuel Levinas e a questo da linguagem”. In: FILHO, Artur Rodrigo Itaquí Lopes; SANTOS, Rita de Cássia Grecco dos. (Org.). *Educao e Filosofia*. 1ª Ed. Rio Grande - RS: Editora da FURG, 2014, v. 1, p. 89-109.

LARUELLE, François (org.). *Textes pour Emmanuel Lévinas*. Paris: Jean-Michel Place Éditeur, 1987.

LESCOURRET, Marie-Anne. *Emmanuel Levinas*. Paris: Flammarion, 1994.

LEVINAS, Emmanuel (1978). *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence*. 8ª Ed Paris: Livre de poche, 2013. (*De otro modo que ser o más allá de la esencia*. Trad. Antonio Pintor Ramos. 4ª Ed. Salamanca: Sígueme, 2003).

_____. (1995). *Alterité et transcendance*. 5ª Ed ; Paris: Livre de poche , 2014.

_____. (1988). *À l’heure des nations*. Paris: Minuit, 2014.

_____. *Œuvres 1: Carnets de Captivité* suivi de *Écrits sur la captivité* et *Notes philosophiques diverses*. Paris: Grasset & Frasnuelle/IMEC, 2009.

_____. *Œuvres 2: Parole et Silence* et autres conférences inédites au Collège philosophique. Paris: Grasset & Frasnuelle/IMEC, 2009.

_____. *Œuvres 3: Eros, littérature et philosophie* – Essais romanesques et poétiques, notes philosophiques sur le thème d’eros. Paris: Grasset & Frasnuelle/IMEC, 2013.

_____. (1982). *De l’évasion*. 2ª Ed. Paris: Livre de poche, 2011.

_____. (1947). *De l’existence à l’existant*. Paris: Vrin, 2013. (*Da existência ao existente*. Trad. Paul Albert Simon e Ligia M. de Castro Simon. São Paulo: Papyrus, 1998).

_____. (1990). *De l’oblitération*: Entretien avec Françoise Armengaud à propôs de l’oeuvre de Sosno. 2ª Ed. Paris : Éditions de la Différence, 1998.

_____. (1993). *Dieu, la mort et le temps*. 6ª Ed. Paris: Livre de poche, 2014.

_____. (1977). *Du sacré au saint*: Cinq nouvelles lectures talmudiques. Paris: Minuit, 2011.

_____. (1982). *De Dieu qui vient à l’idée*. 2ª Ed. Paris: Varin, 2004. (*De Deus que vem à ideia*. Trad. P. Pivatto (Coord.). 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2008).

_____. (1963). *Difficile liberté*: Essais sur le judaïsme. 3ª Ed. Paris: Livre de poche, 2014.

_____. *Être Juif* (1947). Paris: Payot e Rivages poche, 2015.

_____. (1982). *Étique et infini*: dialogues avec Philippe Nemo. 18ª Ed Paris: Livre de poche, 2014.

_____ (1967). *En découvrant l'existente avec Husserl et Heidegger*. 4^a Ed. Paris: Vrin, 2010.

_____ (1991). *Entre Nous*. Essais sur le penser-à-l'autre. 6^a Ed. Paris: Livre de poche, 2014. (*Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Trad. P. Pivatto (Coord.). 3^a Ed. Petrópolis: Vozes, 2004).

_____ (1931). *La Théorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl*. Paris: Vrin, 2010.

_____ (1982). *L'au-delà du verset: lectures et discours talmudiques*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2007.

_____. *La compréhension de la spiritualité dans les cultures française et allemande*. Paris : Éditions Payot & Rivages, 2014.

_____ (1979). *Le temps et l'Autre*. 11^a Ed. Paris: PUF, 2014.

_____ (1994). *Les imprévus de l'histoire*. 3^a Ed. Paris: Livre de poche, 2008.

_____ (1994). *Liberté et commandement*. 3^a Ed. Paris: Livre de poche, 2008.

_____ (1992). *L'Étique comme philosophie première*. Paris: Payot & Rivages, 1998.

_____ (1987). *Hors sujet*. 2^a Ed. Paris: Livre de poche, 2006.

_____ (1972). *Humanisme de l'autre homme*. 7^a Ed. Paris: Livre de poche, 2014. (*Humanismo do outro homem*. Trad. P. Pivatto (Coord.). 2^a Ed. Petrópolis: Vozes, 1993).

_____ (1976). *Noms Propres*. Paris : Fata Morgana, 2014.

_____ (1996). *Nouvelles lectures talmudiques*. Paris: Minuit, 2005. (*Novas interpretações talmúdicas*. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002).

_____ (1968). *Quatre Lectures talmudiques*. Paris: Minuit, 2014. (*Quatro leituras talmúdicas*. Trad. Fabio Landa. São Paulo: Perspectiva, 2003).

_____. *Sur Maurice Blanchot*. Paris : Fata Morgana, 1975.

_____ (1971). *Totalité et Infini: essai sur l'extériorité*. 15^a Ed Paris: Livre de poche, 2014.

_____. *Violência do Rosto*. Trad. Fernando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MALKA, Salomon. *Emmanuel Lévinas. La vida y la huella*. Trad. Alberto Sucasas. Madrid: Trotta, 2006.

POIRIÉ, François. *Emmanuel Lévinas: ensaio e entrevistas*. Trad. J. Guinsburg (Coord.) São Paulo: Perspectiva, 2007.

ROSENZWEIG, Franz. *El libro del Sentido Común Sano y Enfermo*. Madrid: Caparrós Editores, 1994.

_____. *El nuevo pensamiento*. Trad. Isidoro Reguera. Madrid: Visor, 1989.

_____. *Hegel e o Estado*. Trad. Ricardo Timm de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. *La Estrella de la Redención*. Trad. M. García-Baró. 2ª Ed. Salamanca: Sígueme, 2006.

SAINT CHERON, Michaël de. *Entretiens avec Emmanuel Levinas 1983-1994*. Paris: Livre de poche, 2010.

SEBBAH, François-David. *Lévinas*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SOUZA, Ricardo Timm de. “Levinas”. In: PECORARO, Rossano (Org.). *Os filósofos - clássicos da filosofia*. Vol. III. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

_____. *Adorno & Kafka: paradoxos do singular*. Passo Fundo: IFIBE, 2010.

_____. “Alteridade e citabilidade: Levinas e Benjamin”, in *Veritas, junho 2000*.

_____. *Ética como fundamento - uma introdução à ética contemporânea*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004.

_____. *Em torno à diferença: aventuras da alteridade na complexidade da cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2008.

_____. *Existência em decisão*. Uma introdução ao pensamento de Franz Rosenzweig. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. “Fenomenologia e metafenomenologia: Substituição e sentido – sobre o tema da “substituição” no pensamento ético de Levinas”. In: SOUZA, Ricardo Timm de; Nythamar Fernandes de Oliveira (Orgs.). *Fenomenologia hoje. Existência, ser e sentido no alvorecer do século XXI*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____. *Fontes do Humanismo Latino - a condição humana no pensamento filosófico moderno e contemporâneo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. *Justiça em seus termos: dignidade humana, dignidade do mundo*. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2010.

_____. *Kafka: a justiça, o veredicto e a colônia penal, um ensaio*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. *Levinas e a ancestralidade do mal: por uma crítica da violência biopolítica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

_____. *O tempo e a máquina do tempo*: estudos de filosofia e de pós-modernidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

_____. *Razões plurais*: itinerários da racionalidade no século XX: Adorno, Bergson, Derrida, Levinas, Rosenzweig. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. *Sentido e alteridade*: dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Levinas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

_____. *Sobre a construção do sentido*: o pensar e o agir entre a vida e a filosofia. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. *Sujeito, ética e história*: Levinas, o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

_____. *Totalidade e desagregação*. Sobre as fronteiras do pensamento e suas alternativas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.